

Do eterno no homem

De: Max Scheler

Petrópolis: Vozes, 2015.

RESENHA | Maiara Rúbia MIGUEL¹

O brilhante filósofo Hans-Georg Gadamer nos faz lembrar que é inacreditável quando se pergunta hoje a um jovem, ou mesmo a alguém mais velho que se interessa por filosofia, ele mal sabe quem foi Max Scheler (GADAMER, 2007). Mas, enquanto estudantes de filosofia, não podemos ser alheios a esse inacreditável ignorar da importância de tal fenomenólogo para nosso tempo. Ora, Scheler foi um filósofo alemão nascido em 1874 e dedicou sua vida à produção de conhecimento, pois, como um sismógrafo, sentiu os problemas do momento que viveu e prontamente viu-se na responsabilidade de fornecer reflexões à humanidade em um período conturbado com eventos tão desastrosos, como a Primeira Guerra Mundial. Ele viveu em uma família originariamente judaica, mas teve contato com os preceitos da Igreja Católica na infância, o que resultou em um processo de conversão durante a adolescência. Posteriormente, professou por um bom tempo sua fé a luz do Catolicismo.

Scheler formou-se em filosofia e ciências naturais. Foi aluno de Eucken. Teve contato com o pai da fenomenologia, o filósofo Husserl. Frequentou o círculo dos jovens fenomenólogos de Göttingen, Alemanha. Além disso, mesmo não possuindo formação específica, ocupou a cátedra de sociologia por muito tempo na Universidade de Colônia, sendo nomeado diretor do Instituto de Estudos Sociológicos da cidade. Em 1928 publica a obra "*A posição do homem no cosmos*" a qual, de alguma maneira, viria a ser um marco para a disciplina da antropologia filosófica. Contudo, alguns meses depois, Scheler falece aos cinquenta e dois anos de idade.

Dentre muitos de seus trabalhos há um em especial que merece ser lembrado e lido. O livro *Do eterno no homem* que propõe uma renovação religiosa para os alemães depois da Primeira Guerra Mundial. Essa obra é uma coleção de cinco trabalhos, sendo que um deles é intitulado "*Problemas da religião: sobre a renovação religiosa*", publicado pela primeira vez em 1921. O texto contou com mais três edições: uma em 1923; outra dez anos depois, sendo esta idealizada como edição popular; e em 1954, onde a obra foi revisada e editada

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Rod. Dom Pedro, km 136, Pq. das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil. E-mail: <maiara_miguel@yahoo.com.br>.

por sua esposa, Maria Scheler, e publicada como Tomo V das “*Gesammelte Werke*”.

É com base nessa quarta edição que Julian Marías e Javier Olmo traduziram o escrito do alemão para o espanhol, e é a partir dessa tradução que trataremos os desdobramentos do livro. Mas, seria um grande lapso não considerar o grandioso trabalho que a editora Vozes teve em parceria com Marco Antonio Casanova, traduzindo também esta obra. Na edição espanhola encontramos a tradução do prefácio do autor dedicado à primeira e à segunda edições e uma das partes do tratado *Do eterno no homem*, intitulado “*Problemas de la religión: para la renovación religiosa*”. A obra traduzida para o português, diferentemente dos espanhóis, conta com o texto “*Problemas da religião: sobre a renovação religiosa*”, bem como os demais textos da edição alemã: “*Remorso e renascimento*”; “*Sobre a essência da filosofia e a condição moral do conhecer filosófico*”; “*A ideia cristã do amor e o mundo atual: uma conferência*”; e, por fim, “*Da reconstrução cultural da Europa: uma conferência*”, ou seja, o tratado completo. Todavia, nessa resenha vamos nos ater aos desdobramentos do texto “*Problemas da religião: sobre a renovação religiosa*”, tendo em mente tanto a tradução de Julian Marías e Javier Olmo, como também o precioso trabalho de Marco Antonio Casanova.

Em um primeiro momento, deve-se considerar que essa obra veio a ser conhecida pelo meio acadêmico após a Primeira Guerra Mundial, e depois de um grande esforço do filósofo em estudar o livro *O Sagrado*, do teólogo protestante Rudolf Otto. Portanto, há de constar influências deste último nos desdobramentos da obra de Scheler, pois, para o autor, Otto conseguiu aplicar o método fenomenológico com muita competência para estudar apropriadamente o fenômeno religioso. Tal influência serviu para a construção de argumentos que pudessem fornecer uma possível renovação ao espírito dos alemães, tão impactados com as consequências da Grande Guerra. Além disso, é possível perceber claras influências da filosofia de Santo Agostinho e da tentativa de dar ao povo alemão os preceitos da Igreja Católica enquanto fundamento de vida.

Scheler, pensando em uma renovação religiosa, vê a importância de mostrar que existiram direções mentais, muito difundidas na Europa, que contribuíram fortemente para a postura das pessoas diante da Primeira Grande Guerra, a saber, o positivismo e o panteísmo. Portanto, de acordo com Max Scheler, quando se pensa no positivismo na filosofia, tem-se em mente o que já havia sido defendido por Augusto Comte, Émile Durkheim e outros adeptos dessa linha de pensamento, que há, por parte dos positivistas, a preocupação e ênfase em aplicar leis da natureza com o objetivo de ordenar as questões da sociedade. Enquanto que o panteísmo apresenta grandes problemas ao afirmar a equação “Deus = mundo”. Sendo assim, deve ser reconhecido que da necessidade do homem em dominar a natureza não existirá ordem do bom e justo. O que traz a ordem é a admissão de Deus. A concepção de que o mundo não é igual a Deus, mas Deus é superior ao mundo é um dos passos para superar o panteísmo e repensar o caminho da humanidade. Assim sendo, reconhecendo o erro dessas doutrinas e afirmando a renovação religiosa, há de constar a tendência em trazer um objeto de sentido para que seja permissível o repensar dos modos de sentido da vida humana e organizar o caos que a Grande Guerra trouxe à humanidade.

Evoluindo a leitura para o momento intitulado “*Religião e Filosofia*”, Scheler empreende um sistema de conformidade entre a filosofia e religião, uma vez que durante séculos existiram aqueles que afirmaram a separação total dessas disciplinas e/ou sua conciliação. Sendo assim, existem duas teorias que, aos olhos de Scheler, carregam tendências problemáticas à sociedade. A primeira é o sistema de identidade parcial entre religião e filosofia, a qual defende que o homem só penetra na essência interna de Deus com ajuda da fé. Já a segunda, são os sistemas de identidade total, que podem ser divididos entre: gnóstico e tradicionalista. O sistema de identidade total gnóstico afirma a religião como um pensamento metódico e sem nenhuma conexão com a ciência, enquanto que, o tradicionalista defende a religião sem

a ação reveladora da filosofia. Porém, ambas as teorias estão equivocadas, pois a primeira não reconhece a originalidade da religião e a segunda não leva em consideração a filosofia, especialmente a metafísica filosófica, como possibilidade de compreensão da fé. Diante disso, nosso autor abraça a missão de desenvolver um sistema de conformidade total e parcial, o qual será responsável por permitir a compatibilidade da religião e da metafísica.

O próximo passo importante dado por Scheler para explicação dos fundamentos da essência da religião, os quais auxiliam a investigação do absolutamente santo e divino, bem como dos atos religiosos pelo qual o homem se prepara para a recepção do conteúdo da revelação, torna-se preponderante. Ele parte do princípio de que o Deus da consciência religiosa vive e se traduz no próprio ato religioso. A religião está diretamente fundada no amor de Deus e no desejo de salvação do homem e é, pois, antes de tudo, o caminho da salvação, o *Summum bonum*. O caminho da religião parte de um ente absolutamente santo e com potência de salvação, em oposição ao caminho trilhado pela metafísica que parte da determinação do real.

Com efeito, o filósofo alemão vê, sobretudo, a importância de ilustrar que não há necessariamente regularidade da causa do mundo e Deus e, por isso, não é possível afirmar o que é, por sua vez, a causa do mundo. No entanto, esta pode ser comparada à relação do artista com a obra de arte. O pintor Monet, por exemplo, é a causa da obra “A ponte japonesa”, pois nela existe fenomenalmente algo da essência espiritual individual do próprio Monet. Assim também pode ser entendida a manifestação de Deus no mundo, sendo que a presença Dele está contida na criatura do mesmo modo como a essência de Monet está em sua obra de arte. Essa presença só pode ser compreendida mediante o ato religioso, uma vez que só entendemos Deus em Deus.

Nesse caminho, Max Scheler finaliza sua obra partindo dos desdobramentos da seguinte questão: não existe, na essência da religião e na da origem das religiões, evidentes razões para afirmar que não cabe esperar uma nova religião?

Pois bem, para responder a essa questão Scheler tenta enfatizar as características de Deus admitindo o conteúdo essencial pessoal. Assim, começa assumindo que o *Summum Bonum* é Seu traço fundamental essencial e, nesse sentido, se Deus possui, de alguma forma, personalidade, então o desejo de deixar-se desvelar pertence à própria essência de Deus. Portanto, Deus não se torna conhecido unicamente pelos atos cognitivos do homem, mas somente pelo intermédio da revelação, pois a realização desse conhecimento começa em Deus e no modo como Ele se desvela para os homens, na medida em que o homem vive o seu núcleo espiritual de atos, ou seja, o ato religioso. O Deus existente é pessoal e está sob todo conhecimento racional, mas o mais importante é reconhecer o erro racional sobre a essência da religião e sobre o conteúdo da ideia de Deus que parte daqueles que defendem e clamam por uma nova religião. Isso demonstra que os grupos que buscam uma nova religião, na visão scheleriana, não enxergam claramente as condições do possível conhecimento para o homem. Consequentemente, essa espera revelar-se como uma contradição se olharmos atentamente a atitude dos homens religiosos (*Homines Religiosi*) na história. Esta proporcionou a renovação do conhecimento e da vida religiosa, pois existia somente a intenção de restauração da religião absoluta e verdadeira.

A obra *Do eterno no homem* anuncia a Igreja Católica como um dos possíveis fundamentos para a renovação religiosa, tão salientada pelo filósofo, em um contexto estritamente alemão. Pois, como já vimos, o seu maior objetivo é trazer um objeto de sentido, a ordem do bom e do justo para todos aqueles que sofreram com as consequências da Primeira Guerra Mundial. Essa obra reflete claramente a luta pelo sentido de vida e dignidade e, para Scheler, ela só será vencida quando a humanidade parar de confundir-se com Deus e reconhecer que as direções mentais – positivismo e panteísmo – não fornecem respostas ao

clamor do povo que sofre. Portanto, a renovação religiosa cabe àqueles que aprenderam a rezar com a necessidade, sendo o anúncio do conhecimento da essência da religião como sentido e fundamento de novas direções mentais a luz no fim do túnel.

A relevância do que Max Scheler empreendeu com essa obra é evidente, pois não foi uma simples resposta imediata às necessidades intelectuais e espirituais de um período, mas dá, sobretudo, material para que até os dias de hoje possamos refletir sobre os fundamentos da religião em uma perspectiva filosófica (fenomenológica). Suas claras influências delineiam a personalidade de um homem intenso, fruto de sua época, que não deixou passar os problemas que tanto o incomodavam, postura de um filósofo. Como bem sabemos desde Platão a admiração e o espanto são impulsos próprios de um alguém que se permite pensar e buscar respostas que satisfaçam sua mente, mesmo que, na maioria das vezes, tal investigação contribua apenas para aumentar a complexidade das questões. Gadamer não poderia estar errado, ignorar a produção intelectual de um homem como Scheler é inacreditável, pois o seu rico e muito próprio modo de espantar-se com o mundo merece apreço e devido estudo, para que, a seu exemplo, possamos ser filhos de nossa própria época.

Referência

GADAMER, H.-G. *Hermenêutica em retrospectiva: a posição da filosofia na sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2007.